

Nº 19
Volume 03
Janeiro
2007



Scriptorin Candinha Bezerra
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO

ENGENHOS DO RN

O PASSADO NO PRESENTE

Edivania Duarte

Para os antigos gregos, a memória era uma identidade divina e possuía a função de imortalizar os mortais. Nesse contexto, o passado era visto a partir de um olhar valorativo que se estendia de forma especial ao que já havia sido construído.



Engenho Nasçença – Ceará-Mirim/RN



Carregamento de cana – Usina Estivas - Goianinha/RN



Usina Estivas – Goianinha/RN



Máquinas de Engenho – Museu Ferreiro Torto, Macaíba /RN

Distantes no tempo, envolvidos pelo fascínio diante da civilização industrial, os futuristas proclamavam, no início do século XX, a negação e a morte do passado como a única fórmula capaz de permitir às pessoas abraçarem, sem maiores amarras, o progresso do mundo moderno. Ainda que confrontantes, essas duas posturas refletem as formas diferenciadas com que a questão da memória e do passado foi tratada em épocas distintas da história da humanidade, não devendo, portanto, parecer novidade que, na atualidade, essa temática venha se apresentando com um renovado vigor, depois de um longo período em que só se cultivava o que era novo. Contudo, ao contrário do que se poderia esperar das expectativas mais otimistas, em termos de mudanças significativas nos valores, nas atitudes sociais e nas ações concretas direcionadas a esse universo, os avanços no âmbito nacional, quando comparados com os discursos e com os projetos voltados à preservação, à proteção e à revalorização de diferentes vestígios e símbolos do passado, ainda têm se mostrado tímidos, apesar de esforços e de iniciativas relevantes nesse sentido. Nessa perspectiva, sem que se deixe tomar por posturas mais radicais ou extremistas e sem que se distancie o olhar do tempo presente, alguns autores têm procurado trazer para a reflexão e para o pensamento a questão da memória, da identidade e da singularidade, como também têm procurado destacar que uma discussão sobre preservação não implica necessariamente se deixar perder em nostalgia, diante de um tempo que não voltará. Até mesmo pelo fato, ressaltam, de que o passado está contido no presente de forma inevitável. Assim sendo, nesse modo de ver, um retorno ao que passou possibilita ao ser humano um reencontro e uma redescoberta das suas raízes, que não se separam da sua história, do seu

esforço para sobreviver e para se compreender no mundo.

Ao contrário de alguns Estados brasileiros e a exemplo de outros, a situação em que se encontram alguns vestígios e marcas da história do Brasil Colonial deixa claro que muito ainda existe a se percorrer para conter o avanço significativo da degradação, que tem atingido, por exemplo, paisagens e edificações, da aceleração do tempo e da destruição. É nesse sentido, portanto, que se abre a oportunidade de se focalizar e de se resgatar, ainda que de forma panorâmica, um pouco dessa memória, tendo-se como elo desencadeador um referencial marcante e decisivo da história e da cultura brasileira nesse período: os engenhos de açúcar.

Pioneiramente implantados no Nordeste do País, no Rio Grande do Norte, tem-se registrado que esses empreendimentos se espalharam por alguns de seus municípios: Canguaretama, Ceará-Mirim, Goianinha, Natal, Nísia Floresta, São Gonçalo do Amarante, São José de Mipibu e Touros, chegando o município de Ceará-Mirim a apresentar a maior quantidade de engenhos do Estado. Entretanto, apesar desse fato, do espaço que chegaram a ocupar no âmbito econômico e social do RN e das crises a que a atividade foi submetida, quando se percorrem algumas dessas áreas e se tem acesso a alguns engenhos que continuam produzindo (rapadura, aguardente) e ao que ainda permanece como registro físico desses investimentos, é possível reconhecer que muito ainda se tem a investigar e a conhecer dessa realidade, embora não seja possível deixar de salientar esforços pontuais nesse sentido. Se esse fato, por um lado, se traduz nos ainda limitados registros, até mesmo das antigas configurações e disposições espaciais desses empreendimentos, por outro, é dificultado pelas intervenções implementadas

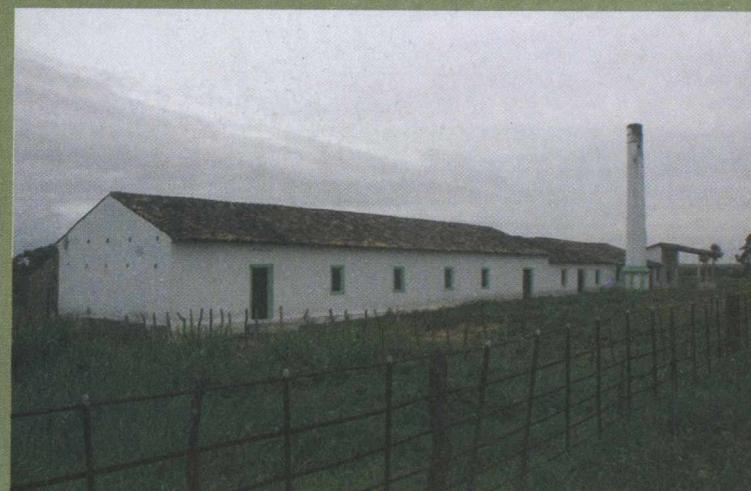
nas edificações, pelo mau uso, pelo abandono, pela falta de manutenção e até pela destruição de algumas das construções que compunham esse cenário, deixando-se que se perca a possibilidade de se ter um conhecimento mais consistente desse passado. Ao se configurar esse quadro, chama a atenção Bruno Zevi (1996) para o fato de que, ainda que de forma involuntária, estão sendo alimentados o distanciamento do passado e o alheamento das pessoas em relação a ele, o que, por sua vez, desemboca, de forma inevitável, no desconhecimento e na não valorização desse patrimônio e dessa memória histórica. Todavia, os marcos e os símbolos ainda existentes oferecem ao observador a possibilidade de realizar uma espécie de viagem no tempo presente, que não se separa do passado, e, dessa forma, de não apenas resgatar elementos da sua arquitetura e do seu modo de vida, mas também de reconhecer na própria estrutura e na disposição espacial desses engenhos no terreno aspectos que tão fortemente caracterizaram esses empreendimentos no cenário nacional.

Em princípio, deve-se destacar que a particularidade da localização dos engenhos, próximos aos cursos de água e à mata, foi decorrência direta do tipo de energia utilizada na produção do açúcar e do solo propício para o desenvolvimento dessa atividade. Quanto ao terreno, de um modo geral, os engenhos se localizavam em áreas pouco acidentadas, ocupando a casa grande o local estrategicamente mais elevado e, portanto, de destaque dentro de uma estrutura que deveria, pelas dificuldades da época, buscar prover seu próprio sustento alimentar. No que diz respeito ao tipo de relação que se

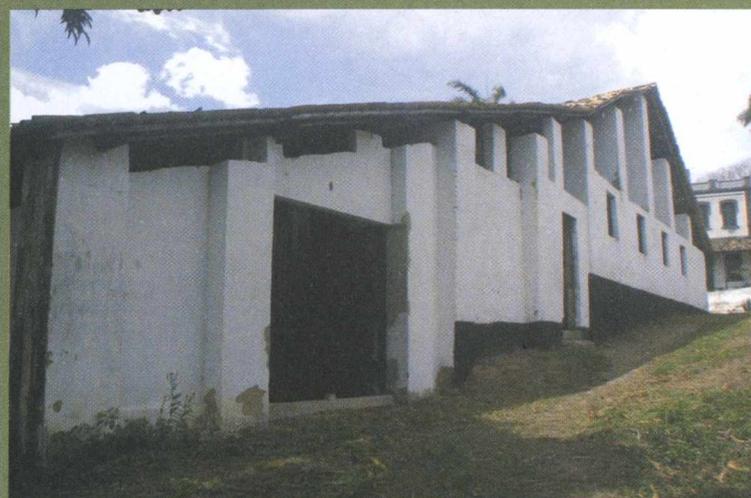
estabelecia entre as edificações e a sua disposição no terreno, é importante ressaltar a preocupação especial com a localização da fábrica, em geral situada à pouca distância da casa grande (residência do proprietário), de modo a permitir a sua fácil visualização e o seu controle rigoroso pelos senhores de engenho, sem que se fizesse necessário o deslocamento deles até o local da fábrica. Quando esse deslocamento se fizesse necessário, deveria ocorrer de forma a não retratar maiores esforços para o proprietário. Assim sendo, a construção da fábrica na frente ou numa das laterais da casa grande tornou-se a opção predominantemente utilizada no contexto nacional. Os engenhos de Cunhaú (o mais antigo do Estado – século XVI), de Pituauçu (camarão grande em Tupi-Guarani), de Carnaubal (início do século XIX - o mais antigo de que se tem notícia na região de Ceará-Mirim) e de Renascença, por exemplo, mostram que, no Rio Grande do Norte, se procurou adotar essa mesma solução, o que aponta para a possibilidade de ter circulado, na época, uma espécie de orientação geral, que foi sendo seguida por ocasião da implantação desses empreendimentos. Com relação às construções, foram utilizados todos os materiais disponíveis no período. Por exemplo, nas paredes, tem-se registro do uso dos sistemas construtivos mais antigos, como pau-a-pique, taipa de pila e adobe nas paredes, assim como da palha e da telha cerâmica na cobertura. Nesse sentido, deve-se salientar que pesquisas já realizadas mostram que a fábrica e a senzala eram as construções em que, em geral, os materiais menos resistentes eram utilizados. Sobre a casa grande, denominação que se

popularizou no século XIX, deve-se ressaltar que, segundo Gilberto Freyre (2003), a edificação não foi uma reprodução da casa portuguesa, e sim uma expressão nova do imperialismo português. É importante também salientar, além do fato dessa residência do senhor do engenho desempenhar um papel fundamental não apenas para o bem-estar da família, como também para o bom funcionamento da atividade produtiva, que essa construção apresentava outras particularidades que se tornaram marcantes na sua arquitetura. Dentre elas, podem-se destacar os amplos beirais, para proteger as grossas paredes da chuva, os alpendres ou varandas e o alto pé direito. Esses elementos, aliados à posição estratégica da sua localização, propiciavam à edificação uma imponência diante das outras construções, sendo ofuscada somente pela capela, motivo de atenção especial e de zelo por parte da família. Localizada na lateral ou à pouca proximidade da casa grande, a capela, em geral, era uma construção sólida e durável que apresentava certa uniformidade em relação à sua disposição espacial, composta, geralmente, de uma única nave, de capela-mor e de sacristia. A utilização de técnicas e de materiais construtivos mais modernos, presentes nas construções ainda existentes, deve-se não apenas à época da sua edificação, como também a ações de órgãos públicos — ou mesmo de particulares — direcionadas à recuperação desses engenhos. Por outro lado, esse fato faz com que alguns desses exemplares já não apresentem a mesma configuração nem a disposição original, embora esforços nesse sentido possam ser registrados. A casa grande do antigo Engenho Ferreiro Torto, por exemplo, restaurada na década de noventa do século passado pelo Governo do Estado, possibilita ao observador conhecer características marcantes do sobrado — ou solar — que tanto caracterizou a

paisagem (urbana e rural) do Brasil Colonial. Nesse contexto, vale destacar preocupações como a do senhor Roberto Varela (hoje já falecido), então proprietário do Engenho Nascimento, que, à época da visita realizada a esse empreendimento em 2005, demonstrou especial atenção para com a questão da preservação e da originalidade dessa propriedade. Por isso, sempre que possível, comprava telhas de antigas construções, que possuem dimensões bem maiores do que as telhas de cerâmica produzidas na atualidade. Ele as adquiria com a finalidade de as utilizar quando houvesse a necessidade de fazer algum reparo nas edificações existentes. Esse seu propósito se traduzia nas poucas intervenções realizadas no interior da residência, mantendo-se, inclusive, a disposição de alguns quartos sem janelas — alcovas. Na casa grande, a localização da varanda ainda se destaca, pois dela é possível que se tenha uma ampla visão da antiga fábrica e de grande parte do terreno. Assim sendo, nos engenhos mais antigos, nos do início do século XX ou naqueles que passaram por um processo de recuperação ou de intervenção, tem-se a possibilidade de se conhecerem elementos arquitetônicos característicos da época, tornando-se, portanto, uma oportunidade ímpar poder visitar essas construções e aprender com elas. Nesse aspecto, pode-se observar, nesse cenário, uma variedade interessante de técnicas construtivas e de influências estilísticas, que se concretizam tanto na denominada arquitetura vernacular (feita com materiais locais, técnicas e padrões tradicionais) como nas construções que procuravam utilizar materiais e técnicas mais sofisticadas para a época, inclusive com a importação de alguns produtos, em especial da Europa. Nesse breve retorno aos engenhos norte-rio-grandenses, é possível perceber que muito da sua história, dos seus



Engenho Verde – Ceará-Mirim/RN



Engenho Pituauçu – Canguaretama/RN



Engenho Pituauçu – Canguaretama/RN



Engenho Mucuripe – Ceará-Mirim/RN



Engenho Cruzeiro - Ceará-Mirim/RN (Ruínas)



Casa Grande do Engenho Guaporé, Ceará-Mirim/RN



Museu Ferreiro Torto - Macaíba/RN



Plantação de cana-de-açúcar



Engenho Guarita, Piau - Tibau do Sul/RN



Usina São Francisco, Capela e Cemitério
Ceará-Mirim/RN



Engenho Mipibu - São José do Mipibu/RN



Maquinário de Engenho
Museu Ferreiro Torto - Ceará-Mirim/RN



Tacho usado em engenho de cana-de-açúcar
Museu Ferreiro Torto - Macaíba/RN



Carro de boi para transporte de cana
Museu Ferreiro Torto - Macaíba/RN

personagens, da sua arquitetura e da sua cultura já se perdeu. As marcas da degradação e o abandono, em alguns deles, apontam para essa realidade. Entretanto, os que resistem permitem que se preencham alguns espaços vazios. Os antigos engenhos Carnaubal e Cruzeiro (ambos de Ceará-Mirim), por exemplo, se, por

um lado, denunciavam esse fato, por outro, mostram, através da delicadeza de seus traços, o zelo de que um dia foram mercedores. Voltar o olhar para o passado abre possibilidades e aponta para oportunidades. Oportunidades de trazer para a reflexão, a partir desse panorama, a questão da preservação e da proteção

do patrimônio histórico e paisagístico que, na atualidade, continua a dividir opiniões, além de gerar conflitos quanto às questões de permanências e de mudanças. Trata-se, enfim, de poder reconhecer, nesse mesmo debate, um solo fértil, a partir do qual é possível reduzir distâncias, equilibrar diferenças e

fragilizar omissões, bem como encontrar novos caminhos, que se distanciem da indiferença para com as edificações que possibilitam o reencontro com essa memória histórica.

Galante
 Scriptorium **Candinha Bezerra**
 FUNDAÇÃO HELIO GALVÃO
 Fones: (84) 3211-8241/fax: 3211-8790

Direção Artística e de Pesquisa
 Dácio Galvão

Direção Executiva e Fotografias
 Candinha Bezerra

Consultoria
 Luiz Assunção

Colaborador
 Edivania Duarte
 Arquiteta. Doutoranda em Ciências Sociais-UFRN.

Revisão
 Anna Maria Jasiello

Programação visual
 Jussié Costa
 nacaopotiguar@uol.com.br